



<http://groups-beta.google.com/group/digitalsource>

Em Rakis, que outrora havia sido o desértico planeta Arrakis, apelidado Duna, são encontrados os diários do filho do *Muad'Dib*, de inestimável valor arqueológico e cujas interpretações são contraditórias.

Relata-se então o governo de Leto II, o descendente do messias Paul Atreides, sobre o Império multigalático descrito em Duna. O passo decisivo de Leto em relação a todos os seus antecessores é o abandono da forma humana, e o conseqüente desprezo pelos princípios morais que atormentavam seu pai. Não só isso: o uso continuado da "especiaria", a melange - que, além dos efeitos psíquicos e de longevidade, tem uma importância estratégica ainda mais vasta, valeu-lhe uma presciência quase absoluta, um controle genético e uma memória que abarca toda a História, reunindo numa única identidade confusa todos os seus ancestrais. Com esse poder, Leto transforma-se num tirano preocupado com a idéia da divindade e com a possibilidade de controlar o Tempo.

Frank Herbert, que na série Duna já abordara os aspectos político-religiosos e psicológicos do messianismo, examina agora uma tirania semi-religiosa. A pergunta marcante dos livros anteriores - pode-se mudar a História? - desloca-se da profecia e da guerra para as disputas sobre a fé, a fidelidade, a crença. Ressalta-se que nas mitologias e nas religiões é a invenção que cria História, tanto no passado quanto no futuro. Misturando elementos da cultura islâmica e da sociedade medieval com outros da Antigüidade e dos primórdios do Cristianismo, Herbert dá uma chave para a compreensão das múltiplas forças que compõem e direcionam os caminhos de Duna (e também os nossos): guerras e intrigas, mas igualmente a capacidade de persuasão das palavras.

Esse fascínio que a ficção exerce, a mistura de fantasia e realismo que Frank Herbert explora com mestria nos seus livros, continua conquistando cada vez mais leitores em todo o mundo, já tendo a saga de Duna ultrapassado os doze milhões de exemplares vendidos em mais de catorze idiomas.

Quando eu estava escrevendo Duna não havia lugar em minha mente para preocupações quanto ao sucesso ou fracasso do livro. Só me preocupava com o que estava escrevendo. Seis anos de pesquisas tinham antecedido aquele dia em que me sentei para estruturar a história, e a tessitura das muitas camadas de tramas que planejara exigia um grau de concentração que eu nunca antes experimentara.

Devia ser uma história explorando o mito do Messias.

Devia produzir uma visão diferente de um planeta ocupado pelo homem como máquina energética.

Devia penetrar no funcionamento interligado da política e da economia.

Devia ser um estudo da previsão absoluta e de suas armadilhas.

Devia ter uma droga de expansão da consciência e revelar as conseqüências de uma dependência prolongada em relação a tal substância.

A água potável devia constituir uma analogia em relação ao petróleo e à própria água como substância cujo suprimento diminui a cada dia.

Devia ser um romance ecológico, portanto, com muitas nuances, assim como uma história a respeito das pessoas e de suas preocupações humanas com os

valores humanos.

E eu precisava monitorar todas essas coisas em cada estágio da criação do livro.

Não havia espaço em minha cabeça para pensar em outra coisa.

Seguindo-se à primeira edição, houve uma lenta resposta dos editores, que mais tarde se revelou imprecisa. Os críticos tinham malhado. E mais de 12 editores se haviam recusado a publicar o livro. Não houve publicidade, mas alguma coisa estava acontecendo lá fora.

Durante dois anos fui saturado de queixas de livrarias e leitores que não conseguiam encontrar o livro. *The Whole Earth Catalog* (Catálogo Integral da Terra) elogiou. E eu ficava recebendo telefonemas de pessoas me perguntando se estava iniciando alguma religião.

A resposta: "Meu Deus! Claro que não!"

O que estou descrevendo é a lenta concretização de um sucesso. Quando os três primeiros livros de Duna estavam prontos, já não havia mais dúvidas de que este era um trabalho popular - um dos mais populares em toda a história, disseram-me, com mais de 10 milhões de exemplares vendidos no mundo inteiro. Agora, o que a maioria das pessoas me pergunta é: "O que esse sucesso representa para você?"

Ele me surpreende, já que; não o esperava. Tampouco esperava o fracasso. Era um trabalho e eu o realizei. Certos trechos de *O Messias de Duna* e *Os filhos de Duna* foram escritos antes mesmo de eu terminar *Duna*. Eles tornaram-se mais vividos ao serem postos no papel, mas a história essencial permanecia intacta. Eu sou um escritor e estava escrevendo. O sucesso significava que eu poderia passar mais tempo escrevendo.

Olhando para trás agora, percebo que realizei a coisa certa instintivamente. Não se escreve objetivando-se o sucesso. Isso tira a sua atenção daquilo que está criando. Se você o está fazendo realmente, com toda a dedicação, então escrever é tudo.

Existe um pacto implícito entre você e o leitor. Se alguém entra em uma livraria e paga pelo seu livro com dinheiro duramente ganho (energia), devemos a essa pessoa algum entretenimento, e tanto quanto possamos dar.

Essa foi realmente a minha intenção o tempo todo.

Para Peggy Rowntree com amor e profunda admiração e grande estima

Trecho de uma palestra de Hadi Benotto anunciando as descobertas em Dar-es-Balat, no planeta de Rakis:

Não apenas é um prazer para mim anunciar a vocês, nesta manhã, nossa descoberta desse maravilhoso depósito contendo, entre outras coisas, uma monumental coleção de manuscritos inscritos em papel de cristal riduliano. Também tenho orgulho em lhes dar nossos argumentos quanto à autenticidade dessas descobertas e lhes revelar por que acreditamos ter encontrado os diários originais de Leto II, o Imperador-Deus.

Primeiramente, permitam-me que lhes recorde os tesouros históricos que todos conhecemos pelo nome de Os diários roubados, volumes de conhecida antigüidade que, através dos séculos, têm sido tão valiosos para nos ajudar no entendimento de nossos ancestrais. Como todos sabem, Os diários roubados foram decifrados pela Corporação Espacial, e a Chave de Tradução da Corporação foi usada para traduzir os volumes recém-descobertos. Ninguém nega a antigüidade da Chave de Tradução da Corporação, e ela, apenas ela, traduz esses volumes.

Em segundo lugar, esses volumes foram impressos por um sistema Ixiano cuja criação é realmente antiga. E Os diários roubados não deixam dúvida de que esse foi de fato o método empregado por Leto II para registrar suas observações históricas.

Terceiro, e nós acreditamos que isto é igual, em importância, à descoberta do próprio depósito: o repositório desses diários é sem dúvida um artefato Ixiano. Uma criação tão primitiva e, no entanto, tão maravilhosa que certamente irá lançar um novo entendimento sobre a época histórica conhecida como "A Dispersão". Como era de se esperar, o depósito encontrava-se muito bem oculto. Ele foi enterrado a uma profundidade maior do que o mito ou a História Oral nos levaria a esperar, emitindo e absorvendo radiação de modo a simular as características naturais de suas cercanias. Um mimetismo mecânico que em si mesmo não constitui surpresa. O que surpreende nossos engenheiros, entretanto, é o modo como foi construído, usando métodos dos mais rudimentares e verdadeiramente primitivos.

Percebo que alguns de vocês se encontram tão excitados com isso como nós próprios ficamos. Acreditamos estar olhando para o primeiro Globo Ixiano, o não-espaco a partir do qual todos os aparelhos semelhantes se desenvolveram. Não se trata realmente do primeiro, mas acreditamos que deve ser "um" dos primeiros, incorporando os mesmos princípios do primeiro.

Permitam-me satisfazer sua óbvia curiosidade assegurando-lhes que serão conduzidos para uma breve inspeção do depósito dentro em pouco. Apenas solicitamos que mantenham silêncio quando estiverem lá dentro, pois nossos engenheiros e outros especialistas continuam a trabalhar na solução dos mistérios.

O que me conduz ao quarto ponto, e este pode ser o coroamento de nossas descobertas. É com uma emoção difícil de descrever que lhes revelo agora outra descoberta feita no local - gravações orais verdadeiras que se encontram rotuladas como tendo sido feitas por Leto II na voz de seu pai, Paul Muad'Dib. Uma vez que registros autenticados do Imperador-Deus se encontram guardados nos Arquivos das Bene Gesserit, nós lhes enviamos uma amostra de nossas gravações, todas elas feitas a partir de um antigo sistema de microbolba, com um pedido formal à Irmandade para que realizasse um teste de comparação. Restam-nos poucas dúvidas de que esses registros serão autenticados.

Agora, por gentileza, voltem sua atenção para os trechos traduzidos que lhes entregamos quando chegaram. Permitam-me que eu aproveite a oportunidade para me desculpar pelo peso. Ouve alguns de vocês fazendo piadas a respeito. Nós usamos papel comum por uma razão prática

- economia. Os volumes originais foram escritos em símbolos tão pequenos que precisam ser ampliados substancialmente antes de poderem ser lidos. De fato, isso exige mais de 40 volumes comuns, do tipo que vocês agora estão segurando, apenas para reproduzir o conteúdo de um cristal riduliano original.

Se o projetor... sim. Agora estamos projetando parte de uma página original na tela à sua esquerda. É da primeira página do primeiro volume. Nossa tradução aparece nas telas à direita. Chamo-lhes a atenção para a evidência interior, a poética vaidade das palavras, assim como o significado derivado da tradução. O estilo traduz uma personalidade que é coerente e identificável. Nós acreditamos que isso só pode ter sido escrito por alguém que possuía uma experiência direta de memórias ancestrais, por alguém que estivesse trabalhando para compartilhar a experiência extraordinária de vidas anteriores de um modo compreensível apenas àqueles que carecem desse dom.

Olhem agora para o significado real do conteúdo. Todas as referências estão de acordo com tudo que a história nos revelou a respeito de uma pessoa, a qual acreditamos seria a única capaz de ter deixado tal registro.

Temos outras surpresas para vocês. Tomei a liberdade de convidar um poeta bem conhecido, Rebeth Vreeb, para compartilhar esta plataforma conosco nesta manhã e ler, dessa primeira página, uma curta passagem de nossa tradução. É de nossa opinião que, mesmo em uma tradução, essas palavras assumem uma característica diferente quando lidas em voz alta. Queremos assim partilhar com vocês uma qualidade verdadeiramente extraordinária que descobrimos nesses volumes.

Senhoras e senhores, por gentileza, dêem boas-vindas a Rebeth Vreeb.

Da leitura de Rebeth Vreeb:

— Eu lhes afirmo que sou o livro do destino.

— As perguntas são o meu inimigo, pois minhas perguntas explodem! As respostas saltam para o ar como um bando de aves assustadas, escurecendo o céu com memórias das quais não consigo escapar. Não há uma só resposta, nenhuma é suficiente.

— Que prismas relampejam quando penetro no campo terrível do meu passado! Sou uma lasca de pedra fechada em uma caixa.

— A caixa gira e estremece. Sou atirado em uma tempestade de mistérios. E quando a caixa se abre eu retorno a esta presença como um estranho em terra primitiva.

— Lentamente (lentamente, eu digo), reaprendo o meu nome.

— Mas isso, apenas, não é conhecer-me.

— Essa pessoa que tem meu nome, esse Leto que é o segundo a ser chamado assim, descobre outras vozes em sua mente, outros nomes, outros lugares. Oh, eu lhes prometo (assim como me prometeram) responder a um único nome. Se me chamarem Leto, eu responderei. O sofrimento faz isso possível. O sofrimento é mais uma coisa:

— Eu seguro as rédeas!

— Todas elas são minhas. Deixem-me imaginar um tópico - digamos... homens que morreram pela espada - e eu os tenho em toda a sua carnificina, cada imagem intacta, cada gemido, cada careta.

— As alegrias de ser mãe. Eu penso e os leitões de parto são meus. Sorrisos de bebês desfilam em série, e assim os suaves balbucios de novas gerações. Os primeiros passinhos e as

primeiras vitórias dos jovens são minhas para partilhar. Elas caem umas sobre as outras até que nada mais vejo senão igualdade e repetição.

— *"Mantenha isso tudo intacto", advirto a mim mesmo.*

— *Quem poderá negar o valor de tais experiências, a riqueza de aprendizado através da qual eu visualizo cada novo instante?*

— *Ah, mas isso é o passado.*

— *Não compreendem?*

— *É apenas o passado!*

— *Esta manhã eu nasci num yurt na borda de uma planície num planeta que não mais existe. Amanhã nascerei alguém mais em outro lugar. Ainda não escolhi. Nesta manhã, entretanto... ah essa vida! Quando meus olhos aprenderam a localizar, olhei para a luz do sol e pisei na grama, e vi gente vigorosa indo e vindo nas suaves atividades de suas vidas. Onde... oh, para onde foi todo esse vigor?*

- *Os diários roubados*

As três pessoas correndo para o norte, através das sombras do luar na Floresta Proibida, enfileiravam-se por quase meio quilômetro. O último corredor da fila estava menos de 100 metros à frente dos lobos D que os perseguiam. Os animais podiam ser ouvidos grunhindo e ofegando em sua avidez. Do modo como fazem quando estão com a presa à vista.

Com a Primeira Lua diretamente acima, a floresta estava bem iluminada, e embora essas fossem latitudes elevadas em Arrakis, ainda estava quente com o calor de um dia de verão. A brisa noturna, vinda do Último Deserto de Sareer, trazia o perfume de resinas e a umidade exalada pelo solo abaixo. De vez em quando uma brisa do Mar de Kynes, além do Sareer, flutuava no caminho dos corredores com seus odores de sal e peixes.

Por um capricho do destino, o último corredor chamava-se Ulot, o que na linguagem Fremen significa "Querido Extraviado". Ulot era de pequena estatura e com uma tendência à obesidade que colocara o peso extra de uma dieta em seu treinamento para essa aventura. Mesmo emagrecido para realizar essa carreira desesperada, seu rosto permanecia redondo, os grandes olhos castanhos vulneráveis numa sugestão de carne em demasia.

Para Ulot, tornara-se claro que não poderia correr muito mais. Ele ofegava e chiava. Ocasionalmente, tropeçava, mas não chamava seus companheiros. Sabia que não podiam ajudá-lo. Todos tinham feito o mesmo juramento, sabendo que não tinham defesas, exceto as velhas virtudes e lealdades dos Fremen. Isso permanecia verdadeiro, muito embora tudo que um dia se relacionara com os Fremen tivesse agora um caráter de museu - velhos recitais aprendidos em um Museu Fremen.

E era a lealdade dos Fremen que mantinha Ulot em silêncio, na perfeita compreensão do seu destino. Um belo exemplo dos antigos valores, e deveras lamentável pelo fato de nenhum dos corredores ter tido um conhecimento que não tivesse saído de livros e tradições orais a respeito das virtudes que adotavam.

Os lobos D corriam bem atrás de Ulot, gigantescas figuras cinzentas com quase a altura de um homem. Eles saltavam e ganiam em sua ferocidade, cabeças erguidas, olhos focalizados em suas presas traídas pelo luar.

Uma raiz prendeu o pé de Ulot e ele quase caiu. Isso lhe forneceu uma energia renovada. Ele disparou, ganhando talvez a distância do comprimento de um lobo sobre seus perseguidores. Seus braços moviam-se de modo ritmado, e ele respirava ruidosamente pela boca aberta.

Os lobos D não mudaram seu ritmo. Eram sombras prateadas avançando através dos verdes odores da floresta. Sabiam que haviam ganho, era-lhes uma experiência familiar.

Novamente Ulot tropeçou. Equilibrou-se de encontro a um arbusto e continuou sua ofegante carreira, as pernas tremendo, rebeladas contra tais exigências. Não havia mais energia para outra corrida.

Um dos lobos D, uma fêmea grande, avançou pelo flanco esquerdo de Ulot. Ele se desviou, saltando em seu caminho. Dentes enormes rasgaram-lhe o ombro, e Ulot cambaleou. Ainda assim, não caiu. O cheiro de sangue adicionou-se aos odores da floresta. Um macho pequeno agarrou-lhe o quadril direito e finalmente Ulot tombou gritando. A matilha o envolveu e seus gritos interromperam-se abruptamente.

Sem pararem para comer, os lobos D reiniciaram a perseguição. Suas narinas sondavam o chão da floresta - as brisas errantes no ar, sentindo o rastro quente de mais dois seres humanos em fuga.

O corredor seguinte na fila era chamado Kwuteg, nome antigo e honrado em Arrakis, nome dos tempos de Duna. Um ancestral seu havia servido no *Sietch Tabr* como Mestre dos Alambiques da Morte, mas isso era tão distante, mais de 3 mil anos no passado, que a maioria tinha dúvidas a respeito. Kwuteg corria com passadas longas e um corpo alto e esguio que parecia perfeitamente adequado para semelhante esforço. Seus longos cabelos negros fluíam de suas feições aquilinas. Assim como os companheiros, ele usava um traje de corrida negro, feito de algodão finamente trançado. Este revelava o movimento das nádegas e das coxas musculosas, o ritmo firme e profundo de sua respiração. Somente a passada de Kwuteg, marcadamente lenta, traía o fato de que ele havia ferido o joelho direito ao descer os precipícios feitos pelo homem que cercavam a cidadela-fortaleza do Imperador-Deus em Sareer.

Kwuteg ouvira os gritos de Ulot e o abrupto silêncio, depois os renovados ganidos de perseguição dos lobos D. Não permitiu que sua mente criasse a imagem de outro amigo sendo morto pelos monstros guardiões de Leto, mas a imaginação exerceu um encantamento sobre ele. Kwuteg pensou em uma maldição contra o tirano, mas não desperdiçou fôlego em pronunciá-la. Ainda restava uma chance de que pudesse alcançar o santuário do Rio Idaho. Kwuteg sabia o que seus amigos pensavam a respeito dele - até mesmo Siona. Sempre fora conhecido como um poupador. Mesmo quando criança ele reservava suas energias até o momento mais necessário, parcelando suas reservas como que por avareza.

A despeito do joelho ferido, Kwuteg acelerou o passo. Sabia que o rio estava

próximo. O ferimento ultrapassara o limite da agonia, pulsando como uma chama que queimava toda a sua perna e o lado esquerdo do corpo. Conhecía os limites de sua resistência. Sabia também que Siona estava quase alcançando a água. O corredor mais rápido de todos, ela carregava o pacote fechado e nele as coisas que haviam roubado da fortaleza no Sareer. Kwuteg focalizou os pensamentos naquele embrulho enquanto corria.

"Salve-o, Siona! Use-o para destruí-lo!"

O ruído dos lobos D penetrou na consciência de Kwuteg. Eles estavam muito perto e ele agora sabia que não ia escapar.

"Mas Siona deve escapar!"

Arriscou uma olhada para trás e viu um dos lobos correndo para flanqueá-lo. O padrão de ataque imprimiu-se em sua consciência e, quando o lobo ao lado saltou, Kwuteg saltou também. Colocando uma árvore entre ele e a matilha, mergulhou por baixo do lobo do flanco e o agarrou por uma das pernas traseiras. Sem parar, segurando-o com ambas as mãos, ele girou o lobo cativo como um cajado que espalhou os outros. Descobrimo que a criatura não era tão pesada quanto esperava, e quase apreciando a mudança na ação, ele golpeou os atacantes com sua arma viva, num rodopio que derrubou dois deles com um quebrar de crânios. Infelizmente, não podia guardar-se por todos os lados. Um macho magro o atingiu pelas costas, lançando contra uma árvore e fazendo-o perder sua arma.

— Deus! — gritou ele.

A matilha o cercou e Kwuteg alcançou a garganta do lobo magro com seus dentes. Mordeu com cada grama de seu desespero final. O sangue do lobo esguichou em seu rosto, cegando.

Rolando sem ter qualquer noção de para onde ia, Kwuteg agarrou outro lobo. Parte da matilha se dissolveu numa turba, ganindo e rodopiando. Outra voltou-se contra os próprios companheiros feridos. Mas a maioria continuou sobre a vítima. Dentes rasgaram a garganta de Kwuteg de ambos os lados.

Siona também ouvira o grito de Ulot, e então o inconfundível silêncio, seguido pelos ganidos dos lobos que reassumiam a perseguição. Tamanho ódio a tomou que ela sentiu que poderia explodir. Ulot fora incluído nessa missão devido à sua habilidade analítica, sua capacidade para enxergar o todo a partir de umas poucas partes conhecidas. Fora Ulot que, tirando o indispensável amplificador de seu estojo, examinara os dois estranhos volumes que haviam encontrado com as plantas da Cidadela.

— Creio que é um código - dissera Ulot.

E Radi, pobre Radi, que fora o primeiro da equipe a morrer... Radi dissera:

— Não podemos nos permitir o peso extra. Jogue-os fora.

Ulot fora contra:

— Coisas sem importância não são ocultas desse modo.

Kwuteg se unira a Radi:

— Viemos em busca dos planos da Cidadela, e estamos com eles. Aquelas coisas são muito pesadas.

Mas Siona concordara com Ulot:

— Eu as carrego.

Isso terminara a discussão.

"Pobre Ulot."

Todos sabiam que ele era o pior corredor da equipe. Ulot era lento na maioria das coisas, mas a clareza de sua mente não podia ser negada.

"Ele é confiável."

Ulot fora confiável.

Siona controlou o ódio e usou sua energia para aumentar o passo. Árvores passavam como manchas à luz da lua. Havia penetrado no vazio sem tempo dos corredores, onde nada mais restava senão seus próprios movimentos, seu próprio corpo fazendo o que fora condicionado a fazer.

Os homens a achavam bonita quando corria, Siona sabia disso. Seu cabelo comprido era preso num coque para evitar que chicoteasse ao vento. Havia acusado Kwuteg de ser tolo quando ele se recusara a lhe copiar o estilo.

"Onde estará Kwuteg?"

Seu cabelo não era como o de Kwuteg. Tinha aquele castanho escuro que às vezes se confunde com o preto, mas que não é realmente preto, não como o de Kwuteg, de fato.

Na maneira como os genes ocasionalmente fazem, suas feições copiavam as de uma ancestral há muito tempo morta: rosto suavemente oval com boca generosa e olhos de alerta consciência acima do nariz pequeno. O corpo tornara-se magro pelos anos de corrida, mas ainda enviava fortes estímulos sexuais aos homens em torno dela.

"Onde estará Kwuteg?"

A matilha ficara em silêncio e isso a enchia de preocupação. Eles tinham feito isso antes de derrubar Randi. E fora o mesmo quando pegaram Setuse.

Disse a si mesma que o silêncio poderia significar outras coisas. Kwuteg também era silencioso e forte. O ferimento não parecera incomodá-lo muito.

Siona começou a sentir dor no peito, o final do fôlego, coisa que ela conhecia muito bem dos longos quilômetros de treinamento. O suor ainda se derramava em seu corpo, sob o fino traje de corrida. A mochila, com a preciosa carga fechada para a travessia do rio, encontrava-se bem presa em suas costas. Ela pensou nos planos da Cidadela ali dobrados.

"Onde será que Leto esconde sua reserva de especiaria?"

Tinha que ser em algum lugar dentro da Cidadela. Tinha que ser. Em algum lugar das plantas haveria um indício. A especiaria melange pela qual a *Bene Gesserit*, a Corporação e todos os outros tinham fome... esse era um preço que valia o risco.

E aqueles dois volumes cifrados. Kwuteg estivera certo em uma coisa: o papel de cristal riduliano era pesado. Mas ela compartilhara a excitação de Ulot. Alguma coisa importante estava oculta naquelas linhas em código.

Uma vez mais os ávidos ganidos de caça dos lobos soaram na floresta atrás dela.

"Corra, Kwuteg! Corra!"

Agora, bem diante dela, através das árvores, podia ver a larga faixa de clareira

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

